

Cuidados paliativos oncológicos na formação de Enfermeiros: reflexões sob a ótica dos conceitos de instituição, instituído e instituinte da Análise Institucional

Palliative oncology care in the training of Nurses: reflections from the perspective of the concepts of institution, instituted and instituting Institutional Analysis

Atención oncológica paliativa en la formación de Enfermeras: reflexiones desde la perspectiva de los conceptos de institución, instituido e instituyendo Análisis Institucional

Recebido: 18/06/2020 | Revisado: 01/07/2020 | Aceito: 05/07/2020 | Publicado: 19/07/2020

Samara Messias de Amorim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8211-9544>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: marafen@gmail.com

Lucia Cardoso Mourão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7058-4908>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: luciamourao@hotmail.com

Ana Clementina Vieira de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9342-6179>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: ana.vieiradealmeida@gmail.com

Isabel Cristina de Moura Leite

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1654-4400>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: isabelcristinademouraleite@gmail.com

Miller Alvarenga Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0803-784X>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: millerfisio@gmail.com

Ronye de Lourdes Pinheiro de Souza Faraco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5290-5731>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: ambe.ronye@fmpfase.edu.br

Resumo

Este artigo objetiva ampliar as reflexões sobre o ensino de enfermeiros em cuidados paliativos oncológicos sob a ótica dos conceitos de instituição, instituído e instituinte da Análise Institucional, considerando-se a formação em enfermagem como uma instituição em constante movimento e sendo atravessada por outras instituições. A pesquisa é bibliográfica, exploratória e com abordagem qualitativa, utilizando o referencial teórico-metodológico da Análise Institucional e seus conceitos de instituição, instituído e instituinte. O levantamento bibliográfico foi realizado em duas etapas: a primeira realizada no portal Biblioteca Virtual em Saúde e a segunda em documentos oficiais que abordam os cuidados paliativos, o que possibilitou ampliar a discussão sobre a temática. Os resultados destacam a necessidade de mudanças na formação de enfermeiros, reconhecendo que a consolidação de novas práticas trazidas pelos cuidados paliativos constitui-se em um desafio nos cenários instituídos de formação, seja nos centros formadores ou nos serviços. Traz ainda a reflexão de que processos instituintes, tais como a prática de enfermagem nos cuidados paliativos, produzem estranhamentos e rupturas, tendo como aspecto positivo a provocação de mudanças e ampliação das possibilidades de centros formadores e serviços para realizarem novas experimentações, problematizando o contexto onde estão inseridas. Finaliza considerando que todo processo instituinte deve indicar movimentos de mudança que direcionem para novos caminhos, pensados por um coletivo, onde os profissionais e estudantes devem se perceber como protagonistas deste processo de construção de novas práticas no cuidado de enfermagem.

Palavras-chave: Cuidados paliativos; Educação em Enfermagem; Enfermagem oncológica; Ensino.

Abstract

This article aims to expand the reflections on the teaching of nurses in palliative oncology care from the perspective of the concepts of institution, instituted and instituting Institutional Analysis, considering nursing education as an institution in constant movement and being crossed by other institutions. The research is bibliographic, exploratory and with a qualitative approach, using the theoretical-methodological framework of Institutional Analysis and its concepts of institution, instituted and instituting. The bibliographic survey was carried out in two stages: the first carried out on the Virtual Health Library portal and the second on official documents that address palliative care, which made it possible to expand the discussion on the theme. The results highlight the need for changes in the training of nurses, recognizing that

the consolidation of new practices brought about by palliative care constitutes a challenge in the instituted training scenarios, either in the training centers or in the services. It also brings the reflection that instituting processes, such as the nursing practice in palliative care, produce strangeness and ruptures, having as a positive aspect the provocation of changes and expansion of the possibilities of training centers and services to carry out new experiments, problematizing the context where are inserted. It concludes considering that every instituting process must indicate movements of change that lead to new paths, thought by a collective, where professionals and students must perceive themselves as protagonists of this process of building new practices in nursing care.

Keywords: Palliative care; Nursing education; Oncology Nursing; Teaching.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo ampliar las reflexiones sobre la enseñanza de las enfermeras en cuidados oncológicos paliativos desde la perspectiva de los conceptos de análisis institucional instituido e instituido, considerando la educación en enfermería como una institución en constante movimiento y cruzada por otras instituciones. La investigación es bibliográfica, exploratoria y con un enfoque cualitativo, utilizando el marco teórico-metodológico del Análisis Institucional y sus conceptos de institución, instituido e instituyente. La encuesta bibliográfica se realizó en dos etapas: la primera en el portal de la Biblioteca Virtual en Salud y la segunda en documentos oficiales que abordan los cuidados paliativos, lo que permitió ampliar la discusión sobre el tema. Los resultados destacan la necesidad de cambios en la capacitación de las enfermeras, reconociendo que la consolidación de nuevas prácticas generadas por los cuidados paliativos constituye un desafío en los escenarios de capacitación instituidos, ya sea en los centros de capacitación o en los servicios. También trae la reflexión de que instituir procesos, como la práctica de enfermería en cuidados paliativos, produce extrañeza y rupturas, teniendo como aspecto positivo la provocation de cambios y la expansión de las posibilidades de los centros y servicios de capacitación para llevar a cabo nuevos experimentos, problematizando el contexto donde están insertados. Concluye considerando que todo proceso de institución debe indicar movimientos de cambio que conduzcan a nuevos caminos, pensados por un colectivo, donde los profesionales y los estudiantes deben percibirse como protagonistas de este proceso de construcción de nuevas prácticas en el cuidado de enfermería.

Palabras clave: Cuidados paliativos; Educación en Enfermería; Enfermería oncológica; Enseñanza.

1. Introdução

Cuidados paliativos são estratégias que visam à melhoria na qualidade de vida dos pacientes e familiares a partir de ações que previnem, aliviam e identificam sintomas. Outrossim, possuem a finalidade de amenizar o sofrimento por meio da identificação precoce e tratamento de problemas psíquicos, sociais e espirituais (World Health Organization [WHO], 2018).

De acordo com WHO (2014), o cuidado paliativo proporciona alívio da dor e outros sintomas angustiantes; afirma a vida e considera a morte como um processo natural; não pretende apressar ou adiar a morte; integra os aspectos psicológicos e espirituais do atendimento ao paciente; oferece um sistema de suporte para ajudar o paciente a viver o mais ativamente possível até a morte; desenvolve uma abordagem multiprofissional para atender às necessidades dos pacientes e suas famílias, incluindo aconselhamento sobre luto, se indicado; melhora a qualidade de vida e influencia positivamente o curso da doença.

Porém, a abordagem de cuidados paliativos ainda é incipiente na formação de enfermeiros. Em pesquisa realizada por Silveira, Costa, Lohmann e Lavall (2020), destacou-se, com relação aos cuidados específicos e gerais de oncologia, que os enfermeiros não se percebiam preparados para assistir pacientes oncológicos em cuidados paliativos.

Essa também é a percepção da primeira autora deste artigo, que atua como preceptora de residentes de enfermagem em oncologia em um hospital público do Rio de Janeiro, onde percebia que havia uma característica comum entre os preceptores e residentes no que tange aos cuidados paliativos: ambos não obtiveram essa formação específica para atuarem no cenário oncológico, salvo os preceptores que realizaram alguma capacitação por interesse particular.

Diante do exposto, entendia a primeira autora que a formação em enfermagem deveria ser repensada, uma vez que nem todos os profissionais têm a oportunidade de realizar uma especialização antes de ingressarem na vida profissional. Esse pressuposto vem de sua vivência ao praticar cuidados paliativos no cenário oncológico, entendendo que para tal atuação seria relevante agregar, ao enfermeiro, conhecimentos sobre cuidados paliativos, onde muitas vezes ele não vivenciou durante a graduação, formando-se obstáculos para a realização desses cuidados.

Corroborando com a experiência da primeira autora, Verri et al. (2019) descrevem que a temática cuidados paliativos ainda é pouco abordada na formação dos profissionais de

enfermagem. No referido estudo, a maioria dos participantes revelou que não foi preparada na graduação para lidar com pacientes em cuidados paliativos.

Os cuidados paliativos mostram-se como atributo indispensável para uma assistência inovadora em saúde. Sua atuação é centrada no cuidado integral, envolvendo aspectos preventivos, assim como o controle de sintomas dos indivíduos acometidos por doenças graves ameaçadoras à vida (Gomes & Othero, 2016).

Matsumoto (2012) destaca que pacientes em condições de prognóstico não curativo acumulam-se nos ambientes hospitalares e experimentam um cuidado inadequado, focado na cura. Para esses pacientes, são realizadas abordagens altamente tecnológicas e invasivas, que por vezes são exacerbadas, fúteis e insuficientes devido ao despreparo profissional, não havendo um olhar mais humanizado ao sofrimento desses pacientes.

Partindo dessa reflexão, os cuidados paliativos despontam como uma medida ímpar, a fim de preencher a lacuna estabelecida culturalmente entre a impossibilidade de cura e a morte, ensinando como os profissionais de saúde podem aguçá-la a observação acerca do tema aqui apresentado.

Pacientes, cuja doença foi diagnosticada como sem possibilidades de cura, necessitam de acolhimento na mesma proporção das terapias medicamentosas, ou até em maior proporção. Em pacientes oncológicos, os cuidados paliativos têm como princípios compreender e promover a saúde juntamente com a qualidade de vida, visando o suporte necessário para o paciente (Silva et al., 2019).

Estudo realizado por Silveira et al. (2020) aponta que os pacientes oncológicos, em fase de doença terminal, têm maior interação com a equipe de enfermagem, estabelecendo laços de amizade e carinho. Nesse cenário, os cuidados paliativos trazem como princípios a promoção de uma melhor qualidade de vida, se constituindo em um suporte humanizado para os pacientes e suas famílias.

Dentre os pressupostos dos cuidados paliativos, destaca-se o cuidado humanizado e a necessidade da formação de profissionais de saúde a partir dos princípios de humanização. Na publicação *Cadernos HumanizaSUS: formação e intervenção*, do Ministério da Saúde (2010a), destaca-se que a formação de profissionais de saúde a partir da política de humanização cria movimentos instituintes ao ampliar as possibilidades de comunicação e de transversalidade entre profissionais, pacientes e a família. Nesse sentido, podemos dizer que os cuidados paliativos, ao exigirem uma postura mais atenciosa e comunicativa, indo além dos aspectos biológicos do adoecimento, provocam movimentos instituintes nas práticas e na formação da enfermagem e de outros profissionais de saúde.

Destacam Sousa e Sousa (2017) que os profissionais de saúde, desde a graduação, devem desenvolver no cuidado práticas humanizadas, compreendendo que as mesmas contribuem para o processo de socialização entre todos os envolvidos nos cuidados. A respeito disso, entende-se ser necessário romper com os modos instituídos de formar e cuidar, inserindo nos serviços e centros formadores os princípios da Política Nacional de Humanização (PNH) que traz novas maneiras de vivenciar o cuidado (Ministério da Saúde, 2010a).

Diante do exposto, este artigo objetiva ampliar as reflexões sobre o ensino de enfermeiros em cuidados paliativos oncológicos sob a ótica dos conceitos de instituição, instituído e instituinte da Análise Institucional, considerando-se a formação em enfermagem como uma instituição em constante movimento e sendo atravessada por outras instituições.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e com abordagem qualitativa, apoiada no referencial teórico-metodológico da Análise Institucional. Para Minayo, Deslandes e Gomes (2016), a pesquisa qualitativa se preocupa com os significados, motivos, crenças, valores e atitudes relacionados aos fenômenos que não podem ser quantificados.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2017), busca proporcionar maior familiaridade com o problema, de maneira a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, análise de exemplos que estimulem a compreensão e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

Destaca Gil (2017), que a pesquisa elaborada a partir de material já publicado constitui-se de artigos de periódicos e outros materiais relacionados à temática que se pretende explorar. Complementam, Minayo et al. (2016), que a pesquisa bibliográfica pode revelar aspectos emergentes a partir da análise de materiais já publicados, favorecendo a formação de críticas sobre o tema.

Com relação ao referencial teórico-metodológico da Análise Institucional, esse baseia-se nos conceitos de instituição, instituído, instituinte, analisador e implicação, preconizados por Lourau (2014). Com relação ao conceito de instituição, L'Abatte (2012) destaca ser importante apreender como as instituições se apresentam e como podemos, enfim, entender seus processos constantes de mudança, considerando a sociedade como um conjunto de instituições.

Neste artigo, tomamos o ensino, a formação e o cuidado como instituições que no seu sentido sociológico são identificadas pelas seguintes características, de acordo com Berger e Berger (1977): a exterioridade, onde a instituição está situada fora do indivíduo e independente de suas vontades, pensamentos e sentimentos; a objetividade, que permite interpretar e justificar a realidade a partir de suas leis, normas e regras; a coercitividade e a autoridade moral, que exercem um padrão de controle sobre os indivíduos; e a historicidade, que assinala a existência das instituições antes do nascimento do indivíduo e sua continuidade depois de sua morte.

As instituições estão sempre em movimento, em perpétuo devir, na infinita busca por mudança para evitar a sua autodissolução. As instituições formam a trama social que une e atravessa os indivíduos, os quais, por meio de suas práticas, ou mantêm as instituições segundo suas leis e normas ou iniciam um processo de rompimento com o que está instituído, provocando movimentos instituintes que vem imprimir novas maneiras dos indivíduos realizarem suas práticas (Baremlitt, 2012; Lourau, 2014; Rossi & Passos, 2014).

A respeito das pesquisas utilizando a Análise Institucional, Savoye (2007) refere que existem três modalidades de pesquisas onde se pode utilizar esse referencial teórico-metodológico: a primeira se constituiria das pesquisas teóricas e históricas, também chamadas de análise de papel, adequada as pesquisas bibliográficas e documentais; a segunda modalidade seria a das pesquisas empíricas de trabalho de campo; e a terceira refere-se às pesquisas de intervenção, quando se realiza a análise em uma situação atendendo a uma encomenda de um pesquisador ou organização. Neste artigo utilizou-se a primeira modalidade, denominada pesquisa teórica.

O levantamento bibliográfico para este artigo foi realizado em abril de 2019, em duas etapas. A primeira, na base de dados denominada Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), onde foram identificados artigos que abordavam o tema a partir dos seguintes descritores isolados: cuidados paliativos, educação em enfermagem, enfermagem oncológica. A seguir, foi feita uma busca avançada com os descritores em pares: cuidados paliativos e educação em enfermagem; enfermagem oncológica e educação em enfermagem; cuidados paliativos e enfermagem oncológica. Essa etapa foi finalizada com os três descritores selecionados, usando o operador booleano *AND*.

Para filtrar os textos, estabeleceu-se que os mesmos deveriam estar publicados de maneira completa entre os anos 2014 e 2019. Essa busca, em todas as suas fases, resultou numa amostra com 14 artigos, que após a leitura na íntegra, ficou reduzida em 05 artigos que abordavam a temática proposta.

A segunda fase da pesquisa foi elaborada com a finalidade de ampliar os debates sobre os achados, cruzando-os com os pressupostos da PNH relacionados à formação de profissionais de saúde, com as Diretrizes Curriculares de todos os cursos de graduação da área da saúde, com os Manuais do Instituto Nacional de Câncer (INCA), com o Manual de Cuidados Paliativos e com dissertações e artigos referentes à formação dos profissionais de saúde que utilizaram como referencial teórico-metodológico a Análise Institucional.

A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão que foram produzidos. Espera-se que as análises possam contribuir para a melhor abordagem dos cuidados paliativos na formação em saúde e, especificamente, no ensino de enfermagem.

3. Resultados e Discussão

O Quadro 01 traz os 05 artigos selecionados na BVS, apresentando o objetivo, a metodologia e seus principais resultados. A leitura inicial desses artigos possibilitou uma aproximação com a temática e a elaboração dos eixos de análise. Outros artigos foram acrescentados para enriquecer a discussão, bem como documentos que mesmo de maneira indireta, contribuíram para ampliar as reflexões sobre a formação dos enfermeiros em oncologia, os cuidados paliativos e a fundamentação teórico-metodológica da Análise Institucional.

Quadro 1. Apresentação dos artigos selecionados no estudo.

Título	Autor / Ano de publicação	Objetivo	Metodologia	Local de realização do estudo	Resultados
Formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia	Lins e Souza (2018)	Analisar os aspectos relacionados à formação dos enfermeiros residentes, às dificuldades e facilidades para o cuidado em oncologia.	Estudo quantitativo com 34 residentes de enfermagem do primeiro ano da turma 2016-2018, da EEAP/UNIRIO	Rio de Janeiro (Brasil)	Foi possível identificar que a formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia ainda é incipiente. Tal fato foi evidenciado pelas dificuldades, como a falta de embasamento teórico e o curto período de estágio.

<p>Cuidado paliativo em oncologia pediátrica na formação do enfermeiro</p>	<p>Guimarães, Silva, Espírito Santo, Moraes e Pacheco (2017)</p>	<p>Identificar e descrever a visão dos acadêmicos de enfermagem sobre cuidados de enfermagem sobre os cuidados paliativos em oncologia pediátrica</p>	<p>Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, realizada com 20 acadêmicos</p>	<p>Rio de Janeiro (Brasil)</p>	<p>É necessária a ampliação da discussão sobre os cuidados paliativos em oncologia pediátrica durante a graduação do enfermeiro.</p>
<p>Cuidados paliativos na assistência de alta complexidade em oncologia: percepção de enfermagem</p>	<p>Silva et al. (2015)</p>	<p>Identificar as dificuldades enfrentadas na prestação da assistência à pessoa hospitalizada no contexto dos cuidados paliativos em um Centro de Assistência de Alta Complexidade em Oncologia do estado do Rio de Janeiro, na percepção dos enfermeiros; e discutir estratégias para melhor qualificar a assistência de enfermagem.</p>	<p>Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, realizada com 13 enfermeiros</p>	<p>Rio de Janeiro (Brasil)</p>	<p>Destacam-se a falta de conhecimento em cuidados paliativos; a necessária criação de leitos diferenciados; e formação de redes institucionais. O estudo alerta sobre a necessidade de mudanças efetivas para atendimento dessas pessoas, que dependem de esforço coletivo para qualificar a prática e realização de novas pesquisas.</p>
<p>Palliative care: delivering comprehensive oncology nursing care</p>	<p>Dahlin (2015)</p>	<p>Descrever os cuidados paliativos como parte do cuidado abrangente de enfermagem oncológica.</p>	<p>Revisão de literatura dos últimos 10 anos, abrangendo cuidados paliativos, oncologia e enfermagem.</p>	<p>Pitsburgo (Estados Unidos)</p>	<p>Os enfermeiros oncológicos são essenciais para prestação de cuidados paliativos, desde o diagnóstico até a morte dos pacientes com câncer. Eles abordam os inúmeros aspectos do câncer. Com habilidades e conhecimentos em cuidados</p>

					paliativos, os enfermeiros oncológicos podem prestar cuidados de qualidade ao câncer. Existem muitas oportunidades nas quais enfermeiros oncológicos podem promover cuidados paliativos.
Nurses' knowledge about palliative care in Southeast Iran	Iranmanesh, Razban, Targari e Zahra (2014)	Examinar o conhecimento de enfermeiros de oncologia e terapia intensiva sobre cuidados paliativos no sudeste do Irã.	Utilizando o <i>Palliative Care Quiz for Nursing (PCQN)</i> foi avaliado o conhecimento de 140 enfermeiros de oncologia e terapia intensiva sobre cuidados paliativos em três hospitais supervisionados pela Kerman University of Medical Sciences	Sudeste do Irã	Os achados sugerem que o conhecimento de enfermeiros sobre cuidados paliativos pode ser aprimorado através do estabelecimento de unidades de cuidados paliativos específicos para se concentrar nos cuidados ao fim de vida. Esse estabelecimento exige a incorporação de um currículo de ensino de enfermagem em fim de vida durante a graduação em enfermagem.

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Pode-se afirmar que todos os artigos pesquisados trazem a necessidade de ampliar o ensino teórico e prático sobre cuidados paliativos na graduação e na pós-graduação, assim como para os profissionais dos serviços, apontando os benefícios desse conhecimento no desenvolvimento profissional dos enfermeiros e no cuidado aos pacientes oncológicos.

3.1 Considerações sobre os cuidados paliativos e a humanização

A abordagem sobre cuidados paliativos e humanização traz como pilar o controle de sintomas. Um indivíduo que não tem seu sintoma mais angustiante controlado, não tem seu direito à dignidade assegurado e, por conseguinte, não há humanização nesse cuidado. Skaba (2005) destaca que a base argumentativa entre cuidados paliativos e humanização é a busca incessante pela dignidade humana; repertório que deveria acompanhar a todos, desde o mais remoto sinal de vida até a morte.

A visão humanística entrelaça-se aos relatos do primeiro *hospice* que se caracterizava por realizar uma assistência com visão holística da pessoa humana. O Saint Christopher's Hospice, em Londres, foi fundado na década de 1960 pela enfermeira, assistente social e médica Cicely Saunders (Floriani & Schramm, 2008). A preocupação de Saunders era com o cuidado humanizado mediante o alívio da dor e o controle de sintomas. Sua filosofia em relação aos cuidados com os pacientes terminais influenciou muito os cuidados em saúde da época, bem como gerou novos posicionamentos em relação à morte e a elaboração do luto (Associação Nacional de Cuidados Paliativos [ANCP], 2012; Pessini, 2005).

O termo *hospice* vem dando lugar ao termo cuidados paliativos, que passou a ser adotado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) devido à dificuldade de tradução adequada em diversos idiomas (Matsumoto, 2012). Entretanto, a filosofia disseminada por esse termo permanece e ganha cada vez mais espaço devido às necessidades da população mundial, decorrentes do aumento da expectativa de vida e da cronicidade das doenças. Floriani e Schramm (2008) afirmam que o “moderno movimento *hospice*” surge como uma tentativa de revelar o tratamento dispensado aos pacientes com doenças em fases avançadas, que encontravam-se na companhia de tubos e aparelhos e afastados de seus entes próximos.

“Paliativo deriva do termo *pallium*, nome dado a uma espécie de cobertura ou toldo que, antigamente, protegia reis e autoridades e que ainda hoje é utilizado na Igreja Católica para cobrir o Santíssimo Sacramento durante procissões. Desse modo, pode-se dizer que corresponde a algo que cobre e protege uma pessoa considerada de grande valor e dignidade. É uma abordagem proativa destinada a reduzir o sofrimento dos pacientes e melhorar sua qualidade de vida” (Rubio & Souza, 2019, p.7).

A disseminação de informações sobre os cuidados paliativos torna-se primordial, visto que conforme dados da OMS (WHO, 2014), globalmente, no ano de 2011, cerca de 29 milhões de pessoas morreram por doenças em que seriam preconizados os cuidados paliativos. Esse número alarmante equivaleria à dizimação de cidades brasileiras como São

Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza e Salvador, que juntas totalizam 28 milhões de pessoas (IBGE, 2019). Os dados apresentados estimulam a reflexão sobre a relevância da disseminação dos cuidados paliativos.

Com base nos artigos e documentos pesquisados, pode-se dizer que os cuidados paliativos se alinham aos pressupostos da PNH, que valoriza os sujeitos, o vínculo entre profissionais e usuários, a atitude ética/humana, a qualidade e a dignidade no cuidado em saúde. Essas ações, aliadas às novas práticas do trabalho em saúde, privilegiam a cogestão e tem o apoio institucional como elemento crucial na sua efetivação (Ministério da Saúde, 2010b). Visto que a atuação do enfermeiro ocorre de maneira abrangente, ela transcende o apoio profissional e passa a oferecer também o apoio emocional, resultando em um cuidado humanizado ao paciente em situação de impossibilidade de cura (Ribeiro, Felipe & Oliveira, 2020).

Entende-se que a PNH é um movimento ético-político. “Ético pela atitude de inclusão; político pelo manejo dos movimentos instituintes dos processos de trabalho, por buscar o instituinte na institucionalidade do SUS” (Ministério da Saúde, 2010a, p.131). Esse movimento instituinte provocado pela PNH, trazendo mudanças nas práticas dos profissionais de saúde, dentre elas os cuidados paliativos, criam tensões nas práticas instituídas do cuidado ao paciente oncológico, propondo uma nova maneira de abordar, cuidar e apoiar esse paciente durante todas as fases de sua doença.

3.2 O ensino de enfermagem em oncologia: do instituído ao instituinte

Colocando em debate os achados dos artigos selecionados na BVS, a pesquisa realizada por Dahlin (2015) destaca que os cuidados de enfermagem oncológica são os ofertados desde o diagnóstico até a morte, incluindo a informação ao paciente e aos familiares do que são os cuidados paliativos. Além disso, como educador, o enfermeiro deve proporcionar a orientação sobre essa prática, às colegas e às futuras gerações de enfermeiros oncológicos, a fim de melhorar e promover a qualidade na assistência de cuidados paliativos.

Lins e Souza (2018) trazem as reflexões sobre a formação de residentes de enfermagem ao analisar os obstáculos e as facilidades enfrentadas por eles em relação à prática do cuidado em oncologia. Os participantes do estudo foram residentes formados por universidades públicas (65%) e privadas (35%). Quando questionados sobre sua formação para assistência oncológica, 56% dos residentes a negaram, embora todos afirmassem ser relevante esse aprendizado para sua atuação profissional.

Como facilitadores para o seu aprendizado, foram mencionadas as aulas práticas assistidas (12,5%) e como obstáculos, foram mencionadas a dificuldade em ter controle emocional diante do paciente em sofrimento (7,5%); a falta de docente ou profissional capacitado para acompanhá-los na sua formação (10%); a falta de embasamento teórico (12,5%); o curto período de estágio destinado à sua formação em enfermagem oncológica (42,5%); dentre outros apontamentos. A partir dos resultados obtidos, 76% afirmaram não se sentirem preparados para assistir aos pacientes oncológicos (Lins & Souza, 2018).

O estudo de Carmo, Siman, Matos e Mendonça (2019) aborda os desafios e as superações que são enfrentadas pelos enfermeiros em suas práticas cotidianas de cuidado aos pacientes oncológicos. Traz, a partir das entrevistas com esses profissionais, reflexões relevantes para o ensino em saúde e em enfermagem, como a formação, que além de competências técnicas, também deveria compreender competências humanas necessárias à assistência oncológica. Esse estudo, porém, traz como limitações o fato de não ter sido abordado o processo de formação dos enfermeiros, o que favoreceria a correlação com as dificuldades vivenciadas no cotidiano do trabalho.

Na graduação de enfermagem, a abordagem sobre as particularidades do paciente portador de câncer é primordial, tendo em vista que, conforme publicação do INCA (2019), é crescente a incidência e a mortalidade por câncer, sendo esse o principal problema de saúde pública mundial, ocupando a quarta posição dentre as principais causas de morte prematura (antes dos 70 anos de idade) na maioria dos países, razão pela qual os enfermeiros devem estar capacitados para identificarem, precocemente, sinais e sintomas inerentes a essa doença.

Complementam Silva et al. (2015), que a atuação da enfermagem junto à pacientes oncológicos encontra dificuldades relacionadas à falta de embasamento teórico-prático diante de uma doença de alta complexidade clínica, que utiliza tratamentos agressivos, prolongados e em serviços mal estruturados com relação a sua organização. Esses elementos podem constituir-se em barreiras para a formação de profissionais com interesse pela temática.

Valério et al. (2020) ressaltam que um outro problema relacionado à dificuldade de formação de enfermeiro em oncologia, decorre de que muitos serviços não dispõem de recursos humanos suficientes, utilizando-se dos profissionais em formação para suprir a falta de pessoal de enfermagem. Em decorrência disso, o futuro profissional tende a se sentir insatisfeito e desmotivado com a profissão durante o processo formativo.

Mudanças na formação desses profissionais ainda se configuram como necessárias e estratégicas para a consolidação de práticas mais humanizadas nos serviços de saúde. Reconhecendo esse desafio, o Ministério da Saúde tem estimulado articulação entre as

Instituições de Educação Superior (IES), os serviços de saúde e a comunidade, buscando aproximar os conteúdos teóricos das universidades com a realidade social, objetivando a qualificação e a adequação do perfil dos trabalhadores às necessidades sociais em saúde.

Entende-se que investir na formação e desenvolvimento dos profissionais durante a graduação e através da educação permanente daqueles que se encontram nos serviços de saúde, possibilita transformá-los em agentes das mudanças necessárias para os avanços esperados de novas práticas, como é o caso dos cuidados paliativos (Conselho Nacional de Saúde, 2017; Mourão, 2006; Mourão & Luzio, 2013; Mourão, Martins, Vieira, Rossin, & L'Abbate, 2007).

O que se deve ter em mente é que a formação dos enfermeiros em oncologia deve superar algumas questões, como o despreparo, a resistência, a insegurança, a indisponibilidade e o desconhecimento; dando lugar ao desenvolvimento de processos de mudanças na formação dos profissionais, seja no ensino ou nos serviços, estimulando o trabalho em equipe com uma visão ampla do indivíduo na sociedade. E para que isso ocorra, as universidades brasileiras devem se reformular, pois apesar dos avanços no ensino com a implementação das Diretrizes Curriculares, a formação dos futuros profissionais ainda não atende às necessidades de uma sociedade em constante mutação, que assume diariamente novos contornos.

A estrutura compartimentalizada do ensino em disciplinas e com reduzida integração entre elas, deixa de fora temas que deveriam ser transversais, como a humanização, os cuidados paliativos, dentre outros, que poderiam se constituir em verdadeiros movimentos instituintes no espaço instituído das universidades (Ministério da Saúde, 2010a; Mourão, 2006; Mourão et al., 2007; Valério et al., 2020).

A esse respeito, Neves, Gonçalves, Roza e Santos Filho (2010) e Pavan (2010) destacam que as práticas profissionais já instituídas e definidas pelas normas prescritas para as diferentes tarefas, durante o processo de formação em saúde devem ter a possibilidade de produzir novas normas e novas formas de práticas do (e no) trabalho, pois mesmo que haja produção de estranhamentos e rupturas, tem como aspecto positivo a provocação de mudanças e ampliação das possibilidades de centros formadores e serviços para realizarem novas experimentações. Desse modo, haverá a problematização do contexto onde estão inseridas, favorecendo os movimentos instituintes.

Porém, deve-se levar em consideração que movimentos instituintes não se fazem sem resistências. Essas podem vir por parte dos docentes, muito apegados à permanência de certos mitos e normas de antigas práticas de ensino, utilizadas como forma de manter a

hierarquização do saber. Sendo assim, não há abertura de espaço para práticas inovadoras que poderiam qualificar os serviços e humanizar a assistência em ambientes de grande sofrimento, como a oncologia (Mourão & Luzio, 2013; Silva et al., 2019).

Pode-se dizer que mudanças começam a serem percebidas nas instituições ensino, formação e cuidado. Contudo, ficam perceptíveis as dificuldades de rompimento das regras e normas de posicionamentos instituídos nessas organizações de formação em enfermagem.

3.3. O ensino de enfermagem em cuidados paliativos: caminhos possíveis

Iniciando pelos artigos selecionados na primeira fase do estudo, Silva et al. (2015) referem algumas dificuldades enfrentadas por enfermeiros para exercerem a prática dos cuidados paliativos. No estudo realizado pelos autores, com 13 enfermeiros de um centro de alta complexidade em oncologia, no que tange aos cuidados paliativos, obteve-se como resultados as seguintes dificuldades: a ausência dessa temática na formação profissional; a falta de preparo para lidar com situações de complexidade do cuidado em saúde; o processo de morte dos pacientes; a carência de recursos humanos e materiais; e a ausência de estrutura adequada para executar as atividades profissionais.

Os autores trouxeram também a busca de estratégias para atenuar as dificuldades que podem ser pensadas como movimento instituinte no espaço instituído das práticas em oncologia. Entre as principais estratégias, destacam-se a capacitação da equipe através de educação permanente, o treinamento em serviço, a implementação da política de humanização da assistência, a redução da rotatividade e do remanejamento entre os funcionários de enfermagem, o investimento no quantitativo de recursos humanos e a existência de leitos para acolher especificamente as pessoas em cuidados paliativos (Silva et al., 2015).

O estudo realizado por Iranmanesh et al. (2014) também aponta as dificuldades relatadas pelos profissionais de enfermagem em diferentes regiões do mundo em relação à assistência prestada aos pacientes em cuidados paliativos. Em pesquisa realizada no Sudeste do Irã, os enfermeiros obtiveram maior número de acertos nas respostas do questionário relacionado ao tratamento da dor e outros sintomas (46,07%), e o maior índice de erros quando perguntados sobre atenção psicossocial e espiritual (19,3%), e outras relacionadas à humanização do cuidado.

Importante mencionar que a pesquisa realizada por Iranmanesh et al. (2014) revela que grande parte dos iranianos acredita em vida após a morte. No país é comum concentrar cuidados paliativos somente ao fim da vida e não há unidades de saúde destinadas aos

cuidados paliativos. Por esta razão, a maioria das pessoas passa pelo processo de morrer em unidades de terapia intensiva, apesar de o câncer estar entre as três causas mais prevalentes de morte no Irã.

O resultado da publicação supracitada demonstrou que o conhecimento dos enfermeiros no Sudeste do Irã sobre cuidados paliativos ainda é incipiente. Destaca-se que a ausência de conhecimentos sobre cuidados paliativos, experiência e limitações culturais geram lacunas no cuidado. Medidas como a instalação de unidades específicas para cuidados paliativos e a incorporação da disciplina cuidados paliativos no currículo de educação em enfermagem foram mencionados como contribuições positivas (Iranmanesh et al., 2014).

Costa, Poles e Silva (2016), ao desenvolverem pesquisa com alunos de graduação de medicina e enfermagem, relataram que quando esses alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre os cuidados paliativos através do aprofundamento sobre o tema, juntamente com atividades práticas, perceberam que os cuidados paliativos permeiam uma gama de atividades de cuidado que podem e devem ser realizados não apenas aos pacientes terminais. Antes dessa vivência, os alunos relataram entender que os cuidados paliativos eram somente para pacientes que estavam na finitude da vida.

Trazendo a questão para a formação de enfermeiros e outros profissionais de saúde, entende-se que as universidades devem investir na formação inicial de profissionais para atuarem em cuidados paliativos, ratificando o afirmado por Costa, Silva, Lima e Ribeiro (2018), de que a graduação é entendida como a parte do estágio de formação profissional em saúde que incorpora os processos de aprender a aprender, buscando atender às demandas da sociedade.

Ampliando esses achados, Silveira et al. (2020) destacam que o cuidado paliativo desenvolvido por enfermeiros vem crescendo gradativamente ao longo dos anos e quanto aos cuidados oncológicos, esses vêm se aperfeiçoando por meio de novas técnicas de cuidado relacionadas ao conforto e outras ações que buscam melhorar a qualidade de vida desses pacientes. Ademais, ressaltam que o período em que os pacientes oncológicos ficam em cuidados paliativos, com uma abordagem integral e humanizada, ameniza suas angústias e medos, a partir de intervenções de natureza física, social, emocional e espiritual. Enfatizam que o período de utilização dos cuidados paliativos na oncologia é primordial para que o doente tenha seu tratamento assegurado com conforto e qualidade e por essas razões, entendem que os cuidados paliativos se apresentam como uma prática inovadora de assistência ao paciente enfermo.

O desenvolvimento de práticas relacionadas ao cuidado paliativo está coerente com o que recomendam as Diretrizes Curriculares para todos os cursos de graduação da área da saúde, ao enfatizar que deve-se investir na formação e desenvolvimento dos profissionais, considerando que são eles os agentes capazes de realizar as mudanças necessárias para os avanços esperados na humanização do cuidado. Destaca, as referidas diretrizes, que o processo de formação deve ser pensado muito além da aquisição de conhecimentos técnico-científicos. Ele deve contemplar a transformação dos sujeitos na criação de novas formas de gestão e de processos de trabalho humanizados (Conselho Nacional de Saúde, 2017). Roque et al. (2020) corroboram com essa afirmação ao trazerem o quanto é relevante que o enfermeiro tenha a postura de liderança e utilize-se da comunicação, a fim de promover a adesão aos cuidados paliativos como estratégia de humanização do cuidado entre a equipe.

Aproximando as reflexões para o debate da formação de residentes e dos enfermeiros que atuam nos serviços, Silva, Magalhães, Carvalho, Costa Neto e Canabarro (2018) trazem a necessidade da formação do preceptor para o processo educativo e para o desenvolvimento de novas práticas nos cenários onde é desenvolvido o cuidado e, especificamente, o cuidado paliativo ao paciente oncológico. Porém, como destacam os autores, nem sempre os preceptores tiveram uma formação capaz de levar o residente a problematizar a realidade e a buscar novas práticas.

Mourão et al. (2007) complementam que esse fato pode criar uma barreira ao surgimento de práticas instituintes de cuidado em saúde e à implementação de um processo de trabalho que pode ser construído no cotidiano dos serviços. O que ocorre na maioria das vezes é uma reprodução acrítica de práticas instituídas, sem que se faça a necessária problematização sobre elas. Acrescentam, Silva et al. (2018, p.9), que “não reconhecer o ensino como intrínseco à sua prática pode levar o preceptor a também não estabelecer uma relação pedagógica com o residente” perpetuando os aspectos instituídos na formação dos enfermeiros.

A esse respeito, Mourão & Luzio (2013) e Silveira et al. (2020) afirmam que por se tratar de uma assistência inovadora, os cuidados paliativos prestados pela equipe de enfermagem à pacientes oncológicos ainda necessitam ser aprimorados e discutidos, de preferência em equipe interdisciplinar, para que os problemas relacionados a esse tipo de cuidado possam ser verbalizados, de preferência no coletivo. Dessa maneira, a falta de conhecimento sobre cuidados paliativos poderia ser evidenciada, possibilitando a elaboração de estratégias pensadas no coletivo que possibilitem qualificar a formação de residentes, preceptores e demais profissionais da equipe de saúde.

Corroborando com esse pensamento, Sousa e Sousa (2017) destacam a importância de ampliar o conhecimento sobre cuidados paliativos, aplicando os princípios e diretrizes da PNH (Ministério da Saúde, 2010a) com a intenção de promover oportunidades. Sendo assim, novas práticas profissionais poderão contribuir com uma formação permeada por espaços que permitam a todos verbalizarem e valorizarem seus sentimentos, a identificarem áreas potencialmente problemáticas e a desenvolverem ações de autocuidado, dentro das possibilidades do paciente oncológico em cuidados paliativos.

Para finalizar as reflexões deste eixo, destaca-se que os Cadernos HumanizaSUS (Ministério da Saúde, 2010a) referem-se que todo processo instituinte deve indicar movimentos de mudança que direcionem para novos caminhos, pensados por um coletivo, onde os profissionais e estudantes devem se perceberem como protagonistas desse processo de construção de novos conhecimentos e não simplesmente como receptores de saberes já construídos. Nesse sentido, entende-se que é preciso valorizar mais os processos do que os produtos, ou seja, deve-se estar atento ao processo de mudanças que vem ocorrendo nas instituições ensino, formação e cuidado.

4. Considerações Finais

Este artigo trouxe como proposta ampliar as reflexões sobre o ensino de enfermeiros no cuidado paliativo na oncologia, sob a ótica dos conceitos de instituição, instituído e instituinte da Análise Institucional. A partir dos estudos encontrados sobre o ensino de enfermagem em cuidados paliativos, foi possível observar que os enfermeiros percebem a carência educacional da graduação de enfermagem em relação aos cuidados paliativos, mencionando até algumas medidas que poderiam ser contributivas para a melhoria dessa assistência, revelando nuances de um movimento instituinte nas instituições presentes no estudo.

Essa percepção ficou evidente ao constatar, em diferentes artigos, que quando os profissionais de enfermagem têm a oportunidade de atuar em cuidados paliativos durante seu processo de formação, tornam-se agentes transformadores na prestação de cuidados a esses pacientes.

Destaca-se que a discussão realizada a partir das três categorias proporcionou uma aproximação sobre a temática, possibilitando perceber como as instituições formação, ensino e cuidado atravessam as práticas de preceptores, residentes e graduandos em enfermagem,

constatando que processos instituintes vêm ocorrendo nessas instituições, buscando brechas para que os cuidados paliativos sejam aceitos como novas práticas de cuidado.

Considera-se que o estudo aqui realizado iniciou uma reflexão, tendo como base a prática profissional da primeira autora e de outros autores, entendendo-se que a abordagem dessa problemática sob a ótica da Análise Institucional contribuiu para ampliar a discussão. Faz-se necessário realizar outros estudos referentes ao ensino de enfermagem em cuidados paliativos, a fim de que a abordagem desse objeto possibilite que os profissionais possam se expressar sobre um tema ainda tão velado.

Referências

Associação Nacional de Cuidados Paliativos. (2012). *Manual de Cuidados Paliativos*. São Paulo: Autor. Recuperado de http://formsus.datasus.gov.br/novoimgarq/24326/4052575_345331.pdf

Baremblytt, G. F. E. (2012). *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes. Teoria e Prática* (6a ed.). Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari).

Berger, P., & Berger, B. (1977). O que é uma instituição social? In J. S. Martins, & M. M. Foracchi (Orgs.), *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia* (1), 193-199. Rio de Janeiro: LTC.

Carmo, R. A. L. O., Siman, A. G., Matos, R. A., & Mendonça, E. T. (2019). Cuidar em oncologia: desafios e superações cotidianas vivenciados por enfermeiros. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 65(3), e14818. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2019v65n3.818>

Conselho Nacional de Saúde. (2017). *Resolução n.º 569, de 8 de dezembro de 2017*. Brasília: Autor. Recuperado de <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2017/Reso569.pdf>

Costa, A. P., Poles, K., & Silva, A. E. (2016). Palliative care education: experience of medical and nursing students. *Interface (Botucatu)*, 20(59), 1041-1052. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0774>

Costa, D. A. S., Silva, R. F., Lima, V. V., & Ribeiro, E. C. O. (2018). National curriculum guidelines for health professions 2001-2004: an analysis according to curriculum development theories. *Interface (Botucatu)*, 22(67), 1183-1195. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622017.0376>

Dahlin, C. (2015). Palliative care: delivering comprehensive oncology nursing care. *Seminars in Oncology Nurses*, 31(4), 327-337. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.soncn.2015.08.008>

Floriani, C. A., & Schramm, F. R. (2008). Cuidados paliativos: interfaces, conflitos e necessidades. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(suppl.2), 2123-2132. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000900017>

Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6a ed.). São Paulo: Atlas.

Gomes, A. L. Z., & Othero, M. B. (2016). Cuidados paliativos. *Estudos Avançados*, 30(88), 155-166. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142016.30880011>

Guimarães, T. M., Silva, L. F., Espírito Santo, F. H., Moraes, J. R. M. M., & Pacheco, S. T. A. (2017). Cuidado paliativo em oncologia pediátrica na formação do enfermeiro. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38(1), e65409. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65409>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2019). *Cidades*. Recuperado: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama>

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (2019). *Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: Autor.

Iranmanesh, S., Razban, F., Tirgari, B., & Zahra, G. (2014). Nurses' knowledge about palliative care in Southeast Iran. *Palliative & Supportive Care*, 12(3), 203-210. DOI: [10.1017/S1478951512001058](https://doi.org/10.1017/S1478951512001058)

L'Abbate, S. (2012). Análise Institucional e intervenção: breve referência à gênese social e histórica de uma articulação e sua aplicação na Saúde Coletiva. *Mnemosine*, 8(1), 194-219. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41580>

Lins, F. G., & Souza, S. R. (2018). Formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia. *Revista de Enfermagem UFPE On-Line*, 12(1), 66-74. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i1a22652p66-74-2018>

Lourau, R. (2014). *A Análise Institucional* (3a ed.). Petrópolis: Vozes.

Matsumoto, D. Y. (2012). Cuidados paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. In R. T. Carvalho, & H. A. Parsons (Orgs.), *Manual de cuidados paliativos - ampliado e atualizado* (2a ed., Cap. 1.1, pp. 23-30). São Paulo: Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP).

Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2016). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (1a ed.). Petrópolis: Vozes.

Ministério da Saúde. (2010a). *Cadernos HumanizaSUS – formação e intervenção*. Brasília: Autor. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf

Ministério da Saúde. (2010b). *HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS*. Brasília: Autor. Recuperado de http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/humanizasus_documento_gestores_trabalhadores_sus.pdf

Mourão, L. C. (2006). *O professor e a instituição formação em saúde: implicações nas transformações curriculares* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/312113>

Mourão, L. C., & Luzio, C. A. (2013). A vivência no cotidiano dos serviços de saúde como dispositivo para a formação de alunos dos cursos de medicina e psicologia. A experiência nos campos da saúde coletiva e da saúde mental. In S. L'Abbate, L. C. Mourão, & L. M. Pezzato (Orgs.), *Análise institucional e saúde coletiva* (1a ed., Cap. 12., 354-385). São Paulo: Hucitec.

- Mourão, L. C., Martins, R. C. B., Vieira, C. M., Rossin, E., & L`Abbate, S. (2007). Análise institucional e educação: reforma curricular nas universidades pública e privada. *Educação & Sociedade*, 28(98), 181-210. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000100010>
- Neves, C. A. B., Gonçalves, L., Roza, M., & Santos Filho, S. (2010). Memória como cartografia e dispositivo de formação-intervenção no contexto dos cursos da Política Nacional de Humanização. In Ministério da Saúde (Org.), *Cadernos HumanizaSUS – formação e intervenção* (1a ed., Cap. 3, 43-62). Brasília: Organizador. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf
- Pavan, C. (2010). O que pode um curso de formação de apoiadores da Política Nacional de Humanização da atenção e da gestão do SUS? In Ministério da Saúde (Org.), *Cadernos HumanizaSUS – formação e intervenção* (1a ed., Cap. 3, pp. 125-130). Brasília: Organizador. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf
- Pessini, L. (2005). Cuidados paliativos: alguns aspectos conceituais, biográficos e éticos. *Prática Hospitalar*, 7(41), 107-112. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5064>
- Ribeiro, W. A., Felipe, B. S. B., & Oliveira, R. V. G. (2020). Protagonização do enfermeiro nos cuidados paliativos do paciente oncológico: um estudo das revisões brasileiras. *Research, Society and Development*, 9(7), e234973905. DOI:<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3905>
- Rossi, A., & Passos, E. (2014). Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Revista Epos*, 5(1), 156-181. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2178-700X2014000100009&lng=pt&nrm=iso
- Roque, T. S., Silva, B. T., Rosa, B. M., Santos, C. S. C. S., Garcia, E. Q. M., & Sousa, J. I. S. (2020). Liderança em enfermagem frente aos cuidados paliativos. *Research, Society and Development*, 9(5), e99953249. DOI:<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3249>
- Rubio, A. V., & Souza, J. L. (2019). *Cuidado paliativo: pediátrico e perinatal* (1a ed.). Rio de Janeiro: Atheneu.

- Savoie, A. (2007). Análise Institucional e pesquisas históricas: estado atual e novas perspectivas. *Mnemosine*, 3(2), 181-193. Recuperado de https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/viewFile/41329/pdf_110
- Silva, A. S., Magalhães, C. R., Carvalho, G. P., Costa Neto, S. B., & Canabarro, S. T. (2018). Visão de preceptores sobre programa de residência multiprofissional com ênfase em onco-hematologia em hospital oncológico referência no sul do Brasil. *Research, Society and Development*, 7(7), e777300. DOI: <http://dx.doi.org/10.17648/rsd-v7i7.300>
- Silva, F. S., Silva, G. S., Costa, A. C. M., Carvalho Filha, F. S. S., Medeiros Júnior, F. C., & Câmara, J. T. (2019). Cuidados de enfermagem a pacientes oncológicos: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 8(6), e35861037. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i6.1037>
- Silva, M. M., Santanda, N. G. M., Santos, M. C., Cirilo, J. D., Barrocas, D. L. R., & Moreira, M. C. (2015). Cuidados paliativos na assistência de alta complexidade em oncologia: percepção de enfermeiros. *Escola Anna Nery*, 19(3), 460-466. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000300460
- Silveira, P. J., Costa, A. E. K., Lohmann, P. M., & Lavall, E. (2020). Revisão integrativa: cuidados paliativos em pacientes oncológicos. *Research, Society and Development*, 9(2), e144922136. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i2.2136>
- Skaba, M. F. (2005). Humanização e cuidados paliativos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 782-784. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000300035>
- Sousa, J. C. O., & Sousa, C. R. C. (2017). A importância de um atendimento humanizado no tratamento do paciente oncológico. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(9), 126-141. Recuperado de <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/tratamento-do-paciente-oncologico>
- Valério, R. L., Oliveira, E. B., Kestenberg, C. C. F., Paula, V. G., Dias, L. B. S., & Oliveira, T. S. (2020). Exaustão emocional em enfermeiros residentes de unidades especializadas em

hospital universitário. *Research, Society and Development*, 9(2), e198922240. DOI:
<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i2.2240>

Verri, E. R., Bitencourt, N. A. S., Oliveira, J. A. S., Santos Junior, R., Marques, H. S., Porto, M. A., & Rodrigues, D. G. (2019). Profissionais de enfermagem: compreensão sobre cuidados paliativos pediátricos. *Revista de Enfermagem UFPE On-Line*, 13(1), 126-136. DOI:
<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i1a234924p126-136-2019>

World Health Organization - WHO. (2014). *Global Atlas of Palliative Care at the End of Life*. Genebra: Autor. Recuperado de
https://www.who.int/nmh/Global_Atlas_of_Palliative_Care.pdf

World Health Organization - WHO. (2018). *Integrating palliative care and symptom relief into paediatrics: a WHO guide for health care planners, implementers and managers*. Genebra: Autor. Recuperado de
<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/274561/9789241514453-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Samara Messias de Amorim – 45%

Lucia Cardoso Mourão – 20%

Ana Clementina Vieira de Almeida – 20%

Isabel Cristina de Moura Leite – 5%

Miller Alvarenga Oliveira – 5%

Ronye de Lourdes Pinheiro de Souza Faraco – 5%